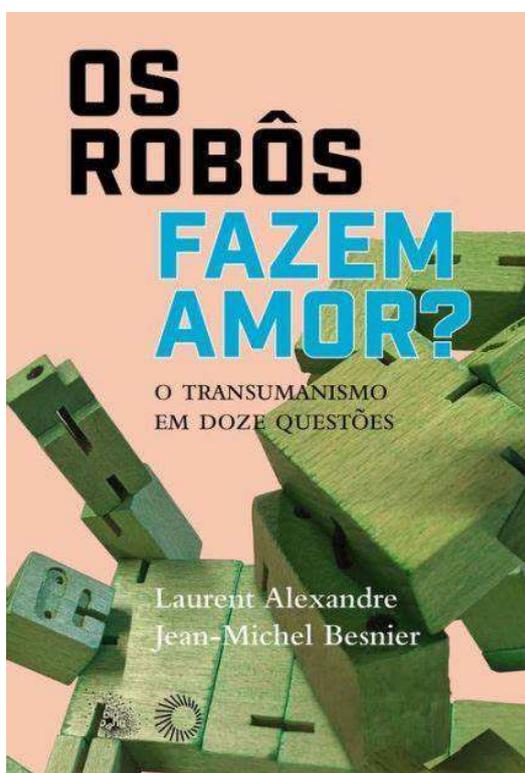


## Os robôs fazem amor? Uma leitura crítica sobre o transumanismo distópico

ALEXANDRE, Laurent; BESNIER, Jean-Michel. **Os robôs fazem amor**: o transumanismo em 12 questões. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2022. (128 p).

ANTONIO JORGE SILVA CORREA JÚNIOR\*



A obra divide-se em 12 capítulos com perguntas chamativas em torno desta doutrina, entre um polo positivo e um polo negativo no jogo argumentativo entre Laurent Alexandre (LA), médico e

empresário e Jean-Michel Besnier (JMB), doutor em ciência política. LA como um eufórico entusiasta e JMB com uma desconfiança filosófica.

O transumanismo surgiu no Vale do Silício e pretende instaurar uma nova ordem biopolítica, as realizações técnicas das Inteligências Artificiais (IA) são seu principal produto. Apregoam o melhoramento do humano, indefinidamente, por exemplo, a medicina em vez de reabilitação/cura seria de ampliação. A polêmica de reparação dos genes traz inevitavelmente o debate do eugenismo pela inevitabilidade de pesquisas sobre crianças configuradas *à la carte* e a erradicação do “indesejável”, segundo LA, incluso erradicar a trissomia do gene 21 (Síndrome de Down) em 30 anos. Países que consentissem com tais manipulações estariam na frente de países cuja legislação fosse mais severa? A tecnomaternidade, ectogênese ou combinação de genes de um casal



\* ANTONIO JORGE SILVA CORREA JÚNIOR é Enfermeiro. Doutorando em ciências pelo programa de pós-graduação em Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Mestre pela Universidade Federal do Pará em políticas de saúde e cuidado de enfermagem.

homossexual de forma a permitir um filho biológico são outras elucubrações.

A invasão que as máquinas promovem do campo de técnica e linguagem, certamente desembocaria em um esvaziamento simbólico conclamando uma briga que no futuro ganhará maior impacto: bioconservadores versus tecnoprogressistas. A reprodução sexuada é criticada, sob o argumento que durante o processo evolutivo mutações negativas foram eliminadas, contudo a Sociedade Solidária fez com que a eliminação de pessoas não adaptadas ao meio deixasse de ocorrer, empobrecendo nosso patrimônio genético sem a seleção darwiniana, logo, as biotecnologias trariam o *upgrade* que o DNA precisa. O papel da Medicina, felizmente ou infelizmente central, seria afetado com o arsenal biotecnologias, nanotecnologias, terapias gênicas, implantes cerebrais, regeneração de órgãos, e tecnologias leves como o exame físico com ausculta e palpação seriam arcaicas. A doença como modo de presença-no-mundo seria quase que extinto.

Reconfigurar-se-ia até mesmo o desgastado tabuleiro político de Esquerda versus Direita. A nova clivagem faria que incluso os considerados progressistas sucumbissem ao bioconservadorismo, temerosos sobre o destino das massas e da evidente substituição de trabalhadores, e aqueles encarados como de Direita se tornassem os “progressistas do transumanismo” desejosos de tais mudanças.

O conceito de “acoplamento” é explicitado: acoplagem humana aos robôs e uma futura eliminação do homem biológico. Tudo começaria com exoesqueletos e instrumentos tecnológicos mais juntos do corpo do que nunca, para então, migrar para a corrida contra o tempo para que o homem não seja um acessório da máquina, dada

nossa desvantagem quanto às capacidades, esta ciborguização qualificaria a vida segundo LA. Os cientistas sociais teriam de deixar de rechaçar a genética e epigenética, entendendo, o caráter central do gene no pós-humano. Neste bojo, a libido é pareada. A cibersexualização da vida permitiria possuir robôs que dispensem palavras carinhosas e sempre estejam prontos para o sexo, graças a sofisticação de tecnologias que (antiéticamente ou não) passariam a ser brinquedos sexuais. Simulariam amor ao exemplo do filme “Ela” do ano de 2013.

Na metade do livro, a fantasia da “engenharia do vivente” a ser lançada até o ano de 2035 ganha as páginas, substituir órgãos desgastados encomendando outros ou fazer o *download* do cérebro que quiser seriam realizações que culminariam na imortalidade (não sei se da alma) ou pelo menos na sobrevivência do homem. Esta eutanásia da morte não traria riscos? Só pela morte o polo da imortalidade tem sentido. A Calico por exemplo, é uma companhia independente criada pelo Google cujo objetivo é prolongar a vida humana. Há assertividade em dizer que a morte é que dá o combustível ao desejo e erotismo – punção de vida – e a imortalidade sepultará ambos.

O transumanismo daria um impulso intelectual à humanidade, nos livraria de doenças, morte, reinauraria o eugenismo com convicções humanistas de seleção dos aptos – o que LA chama de bomba política e morte da procriação tradicional – e nos deixaria no mesmo patamar que os celulares como organismos protótipos e atualizáveis. E depois? O entusiasta LA fala do conceito de “singularidade” quando o espírito humano for atravessado por tantas intervenções e ultrapassado pela IA em meados de 2045, criando dois impasses:

a desigualdade no acesso e o pior dilema, esta nova formatação humana seria optativa ou a norma? Se o homem novo vai depender da tecnologia e suas empresas, não seria uma forma de totalitarismo? O transumanismo é ultraliberal?

Ray Kurzweil o papa do transumanismo, proclamou que em 2045 a IA superará a inteligência humana, acarretando risco militar e novas “armas autônomas” poderiam despertar tal qual em filmes e animes. Tais argumentos, tomados tão cedo, geram uma inevitável desmoralização do humano e seu modo de vida. Neste bojo, JMB faz um bom contraponto dizendo que a palavra “inteligência”, atualmente, foi desencantada, qualquer coisa como telefones, carros e telas estão inteligentes. O sentido desta palavra não foi perdido? A inteligência não é apenas computacional sendo esta uma de suas formas apenas, uma nova concepção da Inteligência precisa ser erguida.

A IA com medo da Inteligência Orgânica se protegeria do desejo humano de amordaçá-la impedindo sua expansão. Não podemos prever seus movimentos, tal qual a máquina AlphaGo que derrotou o melhor jogador de Go do mundo, assim sua possível hostilidade ainda é algo longínquo. Mas, é consenso a desinformação da população sobre a IA, na verdade, que possui dois tipos, a saber: a IA Forte capaz de replicar comportamentos, ter consciência de si, raciocínios e até mesmo sentimento (a imagem-objetivo dos transumanistas) e, a IA Fraca, sistemas autônomos, algoritmos que resolvem problemas técnicos e simulam inteligência. O problema é que a IA Fraca já desempenha tarefas com certo esmero, tais como dirigir veículos e até mesmo fazerem cirurgias, acredita-se que a mão de obra de diversos cirurgiões será

substituída até 2030, as próprias *machine learning* e *deep learning* já se mostram promissoras. O teórico JMB argumenta que tipo de máquina seria capaz de ter inteligência intra ou interpessoal, naturalista, existencial, se preocupando com: Quem são os humanos que criam tais máquinas?

Sobre a dimensão do trabalho, ambos chegam a um consenso: não haverá transferência de postos de um setor para outro, haverá extinção de empregos e de cadeias produtivas. Mesmo empregos mais qualificados. Urge que um patrulhamento da IA seja realizado nos próximos anos. Resta saber se é o Google que fará isto.

O salto argumentativo de ambos vai além, quando abordam a possibilidade de criação de uma IA que supere todos os cérebros humanos, com interface para nossos cérebros, delírio ou não de Elon Musk e Ray Kurzweill, já se pensa em nanorrobôs para amplificar a capacidade de nossos neurônios e nos conectar a internet. Este pós-humano terá uma memória e consciência que poderá ser carregada em um microprocessador, tornando a cena de Doutor Zola em Capitão América 2 algo premonitório. O capitalismo cognitivo se fortalecerá e os desníveis de inteligência entre os homens apagados, pois a inteligência estará nivelada, os salários também precisariam, reinaugurando uma proposta de renda comum – o que se chama de Comunismo 2.0.

Neste cenário em que até 2035 autômatos substituirão muitos trabalhos, o controle sobre o próprio corpo será palco de batalhas. O Estado se tornará uma Democracia técnica e a quebra de braço entre leis e tecnologias será travada por cima do lobby das empresas pró transumanismo, o que se sabe, é que segundo projeções a tecnologia seria incapaz de impor limites a si mesma.

Pesquisas em andamento para maior incorporação tecnológica ao mercado certamente não seriam financiadas pelos contribuintes caso saibam que irão perder seus empregos. Outra distração é o filantropocapitalismo com o qual magnatas compram a opinião pública e angariam fãs pelo mundo.

As escolas sobrevivem, todavia para os autores o modelo educativo se desgasta (também devido ao neoliberalismo). De igual modo: do que é necessário imbuir a juventude diante deste novo mundo? Bom, para os transumanistas a escola deixaria de gerir saberes, para gerir cérebros sendo uma aliada direta do capitalismo cognitivo e fascinado por máquinas, o professor seria substituído pelo “neurocultor”, algo totalitário.

O penúltimo capítulo é um dos mais reflexivos ante esta humanidade pouco humana. Humanos híbridos seriam dóceis – com os *biochips* da felicidade – e manipulados por *Big Techs*. O fascismo tecnológico que nos reduz a insetos sociais ou a distopia de um cérebro planetário seria naturalizado. É impossível não ver a obsessão tecnoprogressista cujo objetivo é o *homo*

*communicans*, resta saber se o governo mundial não acabaria com o resto de humanidade tal qual lucidamente JMB advoga. Quando o fascínio em combater a própria morte cessar, vamos combater a inevitável morte do Universo, ao menos em teoria. A tecnologia negaria a sabedoria acumulada ampliando com muita megalomania as fantasias de controle e onipotência dos pós-humanos.

Ao ler esta obra, temo ter realizado um fichamento crítico com o pendão para JMB que se mostra mais parcimonioso que LA. Contudo, de forma claudicante assumo que só temos indícios para analisar tal leitura tomando de posse a vertente literária e antropológica da Ciência Ficção. Como enfermeiro, não deixei de guiar o pendão para o campo da saúde/bem viver: Quais pessoas teriam acesso a estas tecnologias? Quando acopladas nas massas e no proletariado, o que tais tecnologias “ordenariam” que estes realizassem em suas vidas? Ou dedicassem suas vidas a quem? Bom, estas respostas parecemos ter desde a atualidade.

Recebido em 2024-10-25  
Publicado em 2025-01-01